Histórias iguais com finais diferentes

Tarefa 1: poema e proposta de texto/livro

Sessão 1 “Vamos construir um poema INCLUSIVO com as nossas palavras.”

ACOLHER

Esta é a palavra chave, quando penso em INCLUSÃO. Serve para todas as circunstâncias e adicionando-se uma nota de simpatia e tolerância, penso que faremos o OUTRO feliz. Estando feliz e sentindo-se acolhido e seguro, dará o melhor de si e, consequentemente, produzirá, fará a sua parte na sociedade em que se insere.

Poema

Há tantos braços que, em abraços, se estendem no amor,

Em cada manhã!

Há dias de sol, mirabolantes, que precisam de abraços adicionais

E com eles acolher uma nova história…

Para crescer, passível de cultivar… a diversidade, o respeito, a empatia,

Adicionar felicidade,

Criar laços, sonhos,

Surtir emoções, partilhar projetos,

Plantar sorrisos e afetos

E, nessa relação, permanecer!

**Tarefa 2**

O texto narrativo selecionado para esta Tarefa foi *Há sempre uma estrela no Natal*de Luísa Ducla Soares. A ação decorre na época natalícia, e uma menina **ucraniana**, Irina, vive, em circunstâncias especiais, esta quadra no nosso país. Há um nascimento, em condições inóspitas, que transforma **a adversidade** em superação graças à solidariedade, **união** e partilha, tornando este Conto paradigmático, para se abordar a **inclusão** de estrangeiros, em busca de melhores condições de vida no nosso país.

**Excerto selecionado**

Na Ucrânia deixou tantos amigos…

Evita aqueles olhos escuros que se fixam nela, uns curiosos, outros trocistas, outros indiferentes. Sente-se como uma extraterrestre. Porque é que os pais a mandaram vir? Isola-se no recreio, a um canto, tentando desvendar a algaraviada das conversas. Às vezes, o Afonso murmura-lhe ao ouvido um segredo:

— Pareces uma fada!  
E foge logo a correr.  
Que palavrão será “fada”? Nem vale a pena procurar no dicionário. Algumas palavras que lhe dizem nem sequer lá vêm. A princípio ainda perguntou à mulher da limpeza o que significavam, mas ela empurrou-a com a esfregona.  
— Ordinária! Estes imigrantes mal sabem falar, mas fixam logo a porcaria… Porque não voltam para o sítio de onde vieram?

Com lágrimas nos olhos, Irina vai agora à janela e vê as luzinhas acender e apagar nas árvores despidas. Por trás das paredes deslavadas das velhas casas, decerto se celebra a consoada. Como será? Doze pratos se punham na mesa de festa no Natal da sua terra. Uma em memória de cada apóstolo.

É Natal em Portugal. Que interessa? A família está dispersa. A mãe a fazer bolos-reis que não vai provar porque para os ortodoxos é tempo de sacrifício e jejum. O pai lá anda, na construção civil. Como mais ninguém queria trabalhar na noite de 24, foi, sozinho, pintar um café que está a ser remodelado, ao fundo da rua. Os dois irmãos mais novos ficaram em Priluki, lá longe, com a avó.

Irina aquece a sopa e arranja uma sandes de queijo. Como pesa o silêncio! De repente, sente um grito abafado no andar de cima. Algum assalto? Alguém que caiu?

Não sentiu passos nem o baque de uma queda…  
Com o coração a bater, põe-se a espreitar pelo óculo. Nada!

— Acudam! Acudam!

Mais ninguém se encontra no prédio. As lojas do rés-do-chão estão fechadas, os vizinhos do primeiro andar foram de férias. Por cima, na mansarda, mora uma rapariga nova, gorda, pálida.

Irina abalança-se a subir. A porta encontra-se apenas encostada e a miúda entra, a medo. Já ninguém grita. Um gemido fraco ecoa ao fundo do corredor.  
Haverá feridos? Tem horror ao sangue. Por um momento, pensa em voltar para trás. Mas prossegue, pé ante pé, até ao quarto.

Deitada na cama, a moça, que ela conhece de vista, geme, agarrada à barriga enorme. Irina aproxima-se, repara que está alagada em suor.

— Ladrão atacar tu? Estar doente?  
Tremendo, a outra responde:  
— Chama o 112. O bebé vai nascer.

*Há sempre uma estrela no Natal*de Luísa Ducla Soares.